

Maria Antónia Lopes, "Publicar em português", *Rua Larga* 48, 2017, p. 70-71.

48 • abr • 2017

Quem somos?

RUA LARGA REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RUA LARGA

revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 48
abril 2017

quem somos ?

19.^a semana
cultural
universidade
de coimbra

RUA LARGA

PROPRIEDADE

Universidade de Coimbra

DIRETOR

João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA

Clara Almeida Santos

EDITORA

Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA

António Barros

FOTOGRAFIA

João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA

Henrique Patrício

Sara Baptista

PRODUÇÃO

Luísa Lopes

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Rua da Ilha, 1

3000-214 COIMBRA • PORTUGAL

Telef./Fax: 239 247 170

Email: imprensuc@uc.pt

IMPRESSÃO

Gráfica Maidouros

TIRAGEM

1700 ex.

ISSN

1 6 4 3 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA

Formenhor do mais antigo rosto humano de Coimbra,
Coleção do Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz

www.uc.pt/rua larga

rua larga@uc.pt • Tel. 239 859 825

PONTOS DE VENDA

Loja UC

Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/psq4o7>

EDITORIAL

Quem somos? Do mundo e para o mundo – P.04

João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO

Ser quem somos – P.06

Clara Almeida Santos

OFICINA DOS SABERES

IMPRESSÕES

Orquestra Académica da Universidade de Coimbra – P.12

André Granjo

Kind of Blue Arquitetura efémera

na Rua Larga – P.14

António Betencourt, Pedro Maurício Borges,

Duarte Miranda e Vicente Nequinha

Há Baixa – P.16

Projeto Há Baixa

UpCycle na Universidade

de Coimbra – P.18

António Barros, Sara Baptista e Joana Teresa,

Projeto de Imagem, Media e Comunicação

Os 300 anos da Biblioteca Joanina – P.22

José Augusto Cardoso Bernardes

RIBALTA

Universidade de Coimbra:

Património de Humanidade – P.31

Inês Coelho

CIÊNCIA REFLETIDA

Coimbra dum tempo ignoto – P.40

Raquel Vilaça e Sara Almeida

AO LARGO

ENTREVISTA

Madalena Victorino – P.40

Marta Poiares

RETRATO DE CORPOINTEIRO

Paulo Bernardino – P.54

Marta Poiares

CRÓNICA

As histórias já não começam com

"era uma vez..." – P.56

Maria Jorge Ferro

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Queria que fossemos como ele

a dançar – P.63

Maria João Lopes

LUGARDOS LIVROS

Patrimónios alimentares

de aquém e além-mar – P.64

Imprensa da Universidade de Coimbra

Livros 19.ª Semana Cultural da

Universidade de Coimbra – P.65

Livros – P.66

Revistas – P.67

APOCALÍPTICOSE

INTEGRADOS

Apocalíptico

Publicar em português – P.70

Maria Antónia Lopes

Integrado

Publicar em língua estrangeira – P.72

José Pedro Paiva



MARIA ANTÓNIA LOPES *

publicar em português

É incisivo o texto do *Manifesto em Defesa do Multilinguismo Científico* promovido por professores universitários do Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Espanha e Portugal (aqui dinamizado por José d'Encarnação). Sintetizo os principais argumentos: não pode confundir-se uma língua franca de vocabulário escasso, para uso coloquial e serviços, que é hoje o inglês, com a língua da Ciência. Dentro desta, não é equiparável a mestria linguística necessária às Ciências Naturais e Técnicas com a que é indispensável às Humanidades e Ciências Sociais, nas quais "os matizes do pensamento apenas podem evidenciar-se mediante um amplo conhecimento das palavras e dos seus sinónimos" e de "toda a estrutura gramatical e conceptual". "O empenho dos administradores da ciência europeia em reduzir toda a comunicação científica a uma só língua está, pois, a provocar uma rápida deterioração das Ciências Sociais e Humanas." E há também consequências nefastas no que respeita à credibilidade dos investigadores porque "no nosso mundo, associa-se, automaticamente, a qualidade de expressão à capacidade de pensamento". Por fim, chamam a atenção para a crescente qualidade das traduções automáticas, o que torna "menos necessário obrigar alguém a exprimir-se numa língua diferente da sua". Conto um episódio pessoal para infletir a argumentação. Tendo assistido à minha prova de doutoramento, disse-me alguém da área das Engenharias: "Agora percebi a importância do que fazem nas Letras! Se não forem vocês, mais ninguém o faz. Na minha área, é indiferente que a investigação se faça aqui ou noutra qualquer país. A vossa é que devia ser prioritária nos apoios." Pois é. Mas mandam-nos escrever em inglês. Para quem trabalhamos, afinal? É assim que cumprimos a nossa missão de serviço à comunidade, a tão exigida (e hem) "transferência de conhecimentos"? É assim que fornecemos os instrumentos de autoconhecimento, as ferramentas que permitem intervir para melhorar, exercer a cidadania? A quem forma e interessa prioritariamente a História de Portugal, a sua Literatura, a sua Geografia, as suas Artes e Cultura, a compreensão da sua vida social? Aos portugueses, como é óbvio, e aos leitores dos países lusófonos que conosco partilham parte das suas raízes. E como pode pedir-se a um filósofo que pense e escreva num idioma que não é o seu? É escandaloso valorizar mais uma investigação pelo simples facto de estar publicada em inglês.

Desgosta-me que portugueses se menorizem de tal forma que aceitem publicar em inglês, no seu próprio país, investigações sobre realidades portuguesas. O que é diferente de proferir uma conferência ou publicar noutra língua em países estrangeiros (já o fiz em inglês, castelhano, francês e italiano). Só que esse tipo de trabalhos é, em geral, distinto, como direi. Exprimo-nos numa língua neolatina, subvaloriza-se o português face ao francês ou ao alemão. O que se faz, precisamente, porque, embora mais falado, se menospreza enquanto língua de Ciência.

Ser internacionalizado – ou melhor, ser cosmopolita, como diríamos se o nosso léxico não andasse desvirtuado por tecnocratas – é estar aberto às culturas e ciências que se praticam noutros países e dialogar com elas. Não é, por contraste nos seus próprios termos, ser monolíngue. O monolíngüismo revela e acentua o provincialismo, a tanchagem de perspectivas – o que se aplica a todos, incluindo os nativos de língua inglesa. Porque é na língua-mãe que conseguimos exprimir melhor assuntos complexos e subtilezas de pensamento, os académicos ocidentais da área das Humanidades e Ciências Sociais dignos desse nome têm de ser capazes de ler os colegas que escrevem em línguas românicas.

Contudo, são hoje vulgares as obras inglesas e americanas sobre diferentes aspetos da história da Europa cujos autores só leram o que está produzido em inglês. O que de melhor e mais profundo se escreveu no continente escapou-lhes completamente. Um historiador dos impérios ibéricos incapaz de ler português e castelhano é uma fraude. Não aprendeu nem dialogou com os textos dos investigadores desses países e não leu os documentos da época, bastando isto para que a sua obra não possa ser classificada como historiográfica. Os estrangeiros incapazes de ler português não são especialistas da nossa cultura e o que lhes interessa é aceder a boas sínteses de investigação séria e cuidadosamente contextualizada. Para esses, sim, o inglês é o veículo. Mas esse tipo de obra não é nem pode ser o nosso trabalho central. Apresentar em inglês, logo de raiz, investigação de ponta em Humanidades é inútil e, sobretudo, devastador para a Ciência e para a nossa identidade.

* Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

